

**UBERABA, MG, 2 DE MAIO DE 1997**

*Excelentíssimo Senhor Presidente do Paraguai e meu amigo, Juan Carlos Wasmosy; Senhor Governador do Estado de Minas Gerais, Eduardo Azeredo; Senhor Ministro de Estado da Agricultura, Arlindo Porto; Senhores Ministros de Estado; Senhor Prefeito de Uberaba, nosso querido companheiro Marcos Cordeiro; Senhores Parlamentares aqui presentes; Senhor Presidente da ABCZ, José Olavo Borges; Senhores expositores; Senhoras e Senhores,*

Que as minhas primeiras palavras sejam para Uberaba, para essa gente boa de Uberaba, esse pedaço de Minas que, há tantos anos, vem honrando o Brasil e que continua sendo, como nós estamos vendo hoje, aqui, a vanguarda do que nós temos de melhor na pecuária brasileira.

Quero agradecer, uma vez mais, aos mineiros, ao Governador Eduardo Azeredo, ao Prefeito de Uberaba e a toda essa gente, pelo fato de, sendo mineiros, sendo filhos de Uberaba, terem permitido a este Brasil um avanço tão grande, que nos honra e nos orgulha, e dizermos que nós temos um dos maiores e melhores rebanhos de zebu do mundo.

E, ao agradecer a Minas e a Uberaba, agradeço a presença do Presidente do Paraguai – o Paraguai é parte do Mercosul, o Presidente Wasmosy é sócio da ABCZ –, mostrando a força, a pujança dessa renovação que nós estamos fazendo na genética animal, aqui em Uberaba e hoje se estendendo por toda esta região.

Quero dizer, Presidente Wasmosy, que tenho certeza de que, neste Brasil Central, nesse Paraguai, em toda essa região, que antes foi um cerrado, que se dizia imprestável e que, graças à vontade férrea de alguns que aqui foram buscar, lá na Índia, as bases genéticas do nosso zebu; que, graças ao trabalho dos nossos técnicos da Embrapa, que hoje faz o que já fez o Instituto Agrônômico de Campinas, em outra época, na agricultura; que, graças aos nossos criadores, aos nossos homens do campo, hoje, Presidente Wasmosy, nós podemos, com toda a tranqüilidade, dizer que isto aqui será – já é, mas será mais ainda – realmente um celeiro da produção de carne bovina para todo o mundo.

E, hoje, nós não estamos apenas fazendo uma exposição para ver esses belos animais que aí estão, à nossa frente, carregados por peões que sabem tratar deles e que têm, por trás deles, na retaguarda, toda uma concepção nova do campo brasileiro. Hoje, nós estamos preparados para exportar carne. E estamos, hoje, com a convicção de que a febre aftosa, graças ao esforço comum, do Governo e dos criadores, já é uma coisa que está acabando no Brasil. Já acabou no Rio Grande do Sul, já acabou em Santa Catarina, como já foi reconhecido, e, daqui a pouco, será no Paraná. O próximo passo é o Brasil Central sem febre aftosa.

E nós vamos ver, em Paris, na reunião que vai ser feita, lá, agora em maio, o reconhecimento de que já temos zonas livres da febre aftosa. E só quem sabe da importância disso para o povo brasileiro, para a economia do Brasil, é que sabe o significado disso. É que é um país que está avançando, com passos firmes, que está conseguindo superar-se a cada ano. Está conseguindo, efetivamente, se transformar – e junto com os seus parceiros do Mercosul – num país capaz, efetivamente, de produzir carne de boa qualidade, melhorando a qualidade genética do nosso rebanho, produzindo choque de sangue, fazendo os cruzamentos novos, do gado europeu com o gado indiano, e avançando sempre.

E quero dizer, também, ao Presidente da ABCZ, que fez um discurso tão empolgado, que o nosso Ministério das Relações Exteriores está ativo e que, brevemente, a Índia e o México farão os acordos conosco para facilitar a exportação e a importação. Da parte do governo brasileiro, não falta fazer mais nada. Nós só estamos esperando o “sim” que virá dos indianos e dos mexicanos.

Estamos, portanto, meus amigos, minhas amigas, num grande momento deste Brasil. Eu estive aqui, há dois anos, nessa mesma feira. Há dois anos, o horizonte era sombrio. Há dois anos, não tínhamos podido fazer ainda o que já começamos a fazer.

Hoje, pela manhã, estive em Ribeirão Preto, no Agrobusiness. E lá foi possível ver a retomada da venda das nossas máquinas agrícolas. A retomada, através do Pronaf. O que é o Pronaf? É um Programa de Assistência à Agricultura Familiar, não àqueles que nada sabem de agricultura, que às vezes sabem gritar, mas que não têm a menor noção do que seja a realidade brasileira. No Pronaf, nós já atendemos, este ano, a 350 mil pequenos proprietários rurais, famílias – essas, sim – de trabalhadores do campo, que precisam do nosso apoio e o têm.

Pois bem, hoje, em São Paulo, eu me enchi de alegria. Trinta por cento das máquinas agrícolas que estão sendo vendidas agora, vendas que retomaram o ímpeto anterior, são com o financiamento através do Pronaf. Ou seja, é o pequeno agricultor que começa a ter acesso ao equipamento agrícola, para melhoria da qualidade da produção e para a melhoria de vida do povo brasileiro.

É um outro Brasil, um Brasil que, sim, estende as mãos.

Gostei de ouvi-lo, Presidente. Gostei de ouvi-lo propor um pacto. Não há outro caminho para o Brasil. O caminho é a parceria que está escrita ali: trabalhadores e produtores em parceria. Um pacto.

Há pouco – e o Brasil todo sabe –, recebi a direção do Movimento dos Sem-Terra, o MST, pela quarta vez, depois de Presidente da República. Quantos presidente, no mundo, teriam recebido aqueles que gritam contra ele palavras insultuosas? E o que eu disse? Por acaso deixei que os meus ouvidos se contaminassem da falta de respeito? Não. Propus, outra vez, que nos sentássemos à mesa, como aqui se propõe, hoje,

para discutir, com seriedade, os passos a dar pelo Brasil. E vamos dá-los! E vamos dá-los dentro da lei! E vamos dá-los com solidariedade. E vamos dá-los, reconhecendo que o Brasil, como já disse o Prefeito de Uberaba, é um país que tem muita injustiça social. E nós somos herdeiros de séculos de injustiça.

Mas agradeço ao Prefeito, que reconheceu que, se antes se dizia isso e não se movia, ou não se podia mover – em muitos momentos, alguns moveram – mas um passo mais firme para acabar com a injustiça, hoje, graças ao Real, nós estamos fazendo a maior redistribuição de renda já havida na história do Brasil. E essa redistribuição de renda só foi possível sem que houvesse a volta da inflação porque os senhores produziram, porque a agricultura respondeu. E à medida que houve avanço do mercado de consumo, como está havendo, houve também o avanço da produção.

Nesta manhã, em Ribeirão Preto, o Ministro Arlindo Porto, que tem sido um excelente ministro, anunciava que nós vamos ter 81 milhões de toneladas de grãos. Eu dizia aos brasileiros e às brasileiras: é reconfortante saber que retomamos a produção. Mas não nos iludamos: isso é um passo inicial. O Brasil não é país para 80 milhões de toneladas de grãos. O Brasil é país para 170 milhões de toneladas de grãos. Não se fará isso no ano que vem, porque não se faz milagre. Mas se fará no horizonte. E é preciso, a cada ano, dar um passo mais, com firmeza, com seriedade. E os produtores rurais têm acompanhado essa transformação.

Disse muito bem, aqui, o Prefeito de Uberaba, o Marcos Cordeiro: aqui, no campo brasileiro, no interior do Brasil, é que nós estamos fazendo as grandes transformações do Brasil. Hoje, se o real se mantém, se é possível continuar numa política que beneficia o povo, se é possível, como nós estamos fazendo, manter a situação cambial como ela está, com equilíbrio, é porque a produção agrícola nos rende divisas, é porque nós, hoje, precisamos, como nunca, do campo, para que possamos levar adiante a grande revolução. E esta, sim, é a revolução “intelectual”: agregar valor, agregar conhecimento, produção de melhor qualidade, condições de competir no produto industrial.

Mas nós estamos nos preparando para isso. E leva tempo. E esse tempo requer que o produto primário continue na vanguarda do produto brasileiro. E produto primário não é na acepção de produto primitivo. É o contrário, porque o produto primário do Brasil, da agricultura, hoje, incorpora valor, agrega tecnologia, tem capacidade de aumentar, a cada ano, a produtividade. Criam-se variedades novas na agricultura. Fazem-se cruzamentos industriais novos na pecuária. Avança-se.

Hoje, é um país diferente. Não é diferente porque eu sou presidente. É ao contrário. É esse povo que é diferente. Esse povo é que já não é mais indiferente. Esse povo é que, hoje, sabe qual é o caminho e não se deixa perturbar. É um povo tranqüilo, um povo pacífico, um povo maduro, mas que sabe que, havendo estabilidade, ele vai avançar.

E estabilidade, Senhor Presidente, Senhor Governador, Senhores Ministros, Senhores Parlamentares, Senhoras e Senhores, não é só a moeda. É muito mais que a moeda. É a seriedade na condução da coisa pública. É tranqüilidade. É a capacidade de ouvir a crítica, de aceitar a crítica, quando justa, de refazer o caminho, se erros forem apontados, e de estar-se sempre olhando para o futuro e pensando no Brasil. Essa tranqüilidade é que dá a esse povo, hoje, esse aspecto de quem confia.

Ao descer do ônibus, aqui, eu não vim para a tribuna. Fui me meter no meio do povo. Por quê? Porque eu sei que esse povo está comigo porque eu estou com esse povo! E eu não estou com esse povo à toa. É porque, como Presidente do Brasil, ao dar a mão a alguém que eu não conheço, eu não estou fazendo mais do que a minha obrigação de dizer: eu sei que não é fácil, mas agüentem, porque nós estamos com vocês.

E nós precisamos desse calor, precisamos desse apoio. Não nos basta o sol: é preciso o olhar. E o olhar eu tenho. É só ver. É só ver esse povo e só ver que os que destoam – meu Deus –, destoam. O que se vai fazer? É assim mesmo na democracia. Essa é a beleza. A beleza da democracia é que se tem a maioria. E a maioria está com o Brasil! A maioria está acreditando na transformação do Brasil. Está olhando-nos aqui, mesmo que de longe. E não é a mim, não. É, ao ver essa exposição, perceber que é este o caminho do Brasil: avançar com seriedade, com trabalho, com desenvolvimento. Esse é o caminho.

Eu reitero as palavras que tenho dito tantas vezes: há dificuldades, sim. Mas nós viramos uma página da história. Nós viramos uma página da história e não viramos para ficar embevecidos, como uma página em branco: é para escrever outras páginas da nossa história. E vamos escrevê-las juntos.

Por isso vim aqui com muita alegria, hoje, outra vez, a Uberaba. Para conclamá-los a que escrevamos juntos as novas páginas da nossa história, com seriedade, mas também com firmeza, com compreensão recíproca, aceitando as críticas, reciprocamente, entendendo as dificuldades, tentando as soluções, fazendo propostas sérias e avançando.

Eu creio, senhoras e senhores, que essa é a mensagem. Creio também que, se não pude vir, no ano passado, veio o Vice-Presidente; e que, se os fatos nos permitirem, no ano que vem, estaremos aqui, para ver um passo a mais dessa grande história da recuperação da nossa pecuária, pelo bem do Brasil e do povo brasileiro!

Muito obrigado a vocês todos.